

Irmãos de Jesus Bom Pastor

Pastorinhas



Itinerário da Lectio Divina

em preparação ao Seminário
sobre o ministério de cura pastoral

FICHA 4

Imagem da capa:

Jesus Bom Pastor com o seu povo (particular)

Autor: Pjerin Sheldija

Lugar: Igreja Krajn - Albânia

“Tu, pois, meu filho, fortifica-te na graça que está em Jesus Cristo” (2 Tm 2,1-13)

1. O contexto.

O trecho que nos preparamos a comentar e rezar, é um avanço da “lectio” precedente. Paulo, ciente das dificuldades que o ministério do seu discípulo encontra, exortou-o a fazer memória do dom recebido com a consagração e a imposição das mãos, depois de recordar as memórias da infância e juventude, intimamente ligados ao testemunho da mãe e da avó, das quais recebeu uma sólida confirmação da fé. No trecho que segue há a tentativa de exortar Timóteo a não retroceder diante da tarefa que lhe foi confiada. Paulo, utilizando três imagens, deseja criar no coração do discípulo, uma atitude de confiança e de paciência. Não é fácil dar uma ordem precisa aos pensamentos de Paulo, mas parece que o fio condutor desta exortação, seja aquela de convidar Timóteo a assumir a sua parte de sofrimento, a carregar o peso do seu ministério. A parte conclusiva da exortação (vv.8-13) contém a motivação teológica das recomendações.

2. O texto.

vv. 1-2: Paulo convida Timóteo a permanecer ancorado à graça que é em Cristo Jesus e a transmitir o que recebeu de Paulo à pessoas de confiança, que tenham condições de transmiti-la a outros. Se adverte a preocupação para uma transmissão correta e fiel da doutrina.

vv. 3-7: Segue uma exortação que utiliza três símbolos e metáforas: o soldado, o atleta e o agricultor. A reflexão de Paulo se abre com um verbo – toma parte também tu (sunkakopàtheson) – que é o motivo central desta “parenesi”. Timóteo deve ser consciente que ser chamado a guiar uma comunidade significa assumir um serviço que o assemelha a Cristo. Há um fardo de sofrimento que é “normal”, ousaria dizer óbvio, no momento em que somos chamados a gerar na fé ou a acompanhar num caminho espiritual.

As três imagens que seguem explicitam este caráter fadigoso e perigoso do serviço apostólico.

O ministro é um “**bom soldado**” de Cristo. Desse modo, Paulo adverte Timóteo que deve estar pronto para um combate. É uma situação de risco, mas necessária. Na carta aos Efésios, é ainda mais evidente essa dimensão bélica, pela qual é necessário estar bem equipado (cf Ef 6,10-20). Mas também em 1Cor 9,7: “E quem vai alguma vez à guerra com seus próprios recursos?”.

O discípulo é também um **atleta**. Na primeira a Coríntios, à conclusão de uma reflexão sobre o significado do seu ministério, Paulo utiliza esta imagem. “Não sabeis que aqueles que correm no estádio, correm todos, mas um só ganha o prêmio? [...] Os atletas se abstém de tudo; eles, para ganhar uma coroa perecível, nós, porém, para ganhar uma coroa imperecível” (1Cor 9,24-25). No nosso texto o que se exige do atleta é que concorra segundo as regras.

Enfim, o discípulo é um **agricultor** que se afadiga para recolher os frutos da terra. Sempre em 1Cor 9,7-10, Paulo utilizou a mesma imagem: “Quem planta uma vinha e não come de seu fruto? [...]aquele que trabalha deve trabalhar com esperança e aquele que pisa o grão deve ter a mesma esperança de receber a sua parte”.

As três profissões tem em comum o esforço e o sofrimento, àquela do soldado também o risco da vida. É digno de nota como Paulo completa estas imagens com algumas especificidades: o soldado se dedica de corpo e alma ao seu serviço sem outra

atenção que a de satisfazer quem o chamou; o atleta concorre segundo as regras para obter a coroa e enfim o agricultor é o primeiro a recolher os frutos do seu trabalho. Em outras palavras para todos há uma meta e um fruto a receber.

vv. 8-13: Os versículos que concluem esta reflexão são uma espécie de fundamento para as recomendações precedentes. Paulo evoca a própria experiência (v. 9-10) por fim propõe um antigo hino criptológico (vv. 11-13).

Depois de ter encorajado o discípulo com as três metáforas e com a sua experiência, Paulo parte da consideração teológica de Jesus ressuscitado.

A reflexão teológica é um resumo do Kerigma, da história da salvação. A primeira e a segunda afirmação insistem, por quatro vezes sobre a expressão “com Ele”: “Se com Ele morremos, com Ele viveremos, se com Ele sofremos com Ele reinaremos”. A vida do discípulo se define agora somente e exclusivamente em relação a Cristo e ao mistério do Batismo: sepultura e ressurreição. A palavra “com” define a identidade do crente (cfr Rm 6,4-5). A terceira e a quarta afirmação estão em aparente contraste. “Se nós o renegamos, também Ele nos renegará, se lhe somos infiéis, Ele permanece fiel, pois não pode renegar-se a si mesmo”. Parece haver uma vitória da graça também onde o homem se fecha: se renegamos a Jesus, Ele nos renegará e contudo, sendo fiel, não renegará a si mesmo, nos salvará.

Como conclusão, o discípulo é solicitado a ler a própria vida como uma comunhão com Jesus, como participação aos sofrimentos e às provações do Senhor.

3. Atualização:

O apóstolo Paulo, por experiência pessoal, sabe que o ministério e o acompanhamento espiritual pesa e expõe também ao risco da prisão. Esse peso do ministério que poderia desanimar, se torna,

ao contrário, compartilha de vida de tantos que levam adiante o próprio empenho, a sua profissão com esforço e sofrimento.

As imagens utilizadas por Paulo tem a finalidade de recordar que se os homens se cansam e sofrem para garantir a si mesmos um sustento humano, com maior razão o apóstolo – que se consagrou ao Reino – não pode pensar de subtrair-se a esse peso. Às vezes é necessário refletir sobre os que são atingidos pela tribulação, por sofrimentos incríveis, quem não encontra trabalho ou não consegue pagar o aluguel, os pobres e desesperados. Se tem a impressão – às vezes – que não nos damos conta que para muitos a vida é uma luta só para sobreviver. Considerar esse peso nos ajuda a redimensionar tantos conflitos, ansiedades, muitas vezes causadas por um desejo – não expresso – de afirmação de nós mesmos, também na vida religiosa. Se buscam condições ideais de vida e ministério, enquanto tantos – não consagrados – se deixam sabiamente modelar pela vida assim como se apresenta. É o princípio da encarnação e se queremos a espiritualidade de Nazaré, vivida de forma radicalmente profunda por Charles de Foucauld.

A vida do discípulo requer a fortaleza do soldado, a constância do atleta, a paciência do agricultor. É necessário, portanto redescobrir o grande dom da ascese (exercício) cristã, sem a qual o dom recebido morre. Se a ascese é muito perigosa e também nos pode desviar se é colocada ao início de um caminho, sem antes ter feito a experiência de libertação e de consolação que emana do encontro com o Senhor ressuscitado, é porém, indispensável para custodiar e portanto crescer na conformação a Cristo. A ascese é sempre uma resposta ao dom recebido.

Ser apóstolos significa, tomar sobre si próprio o fardo de sofrimento e de provações, sem ceder ao “vitimismo” e sem cair numa estéril “choradeira”, a vida é também cansaço e para um discípulo o sofrimento não é um obstáculo, mas uma condição que se vivida na fé, nos assemelha a Cristo.

Nos momentos em que a prova parece superar as nossas forças, é a memória da fidelidade de Deus que nos sustenta: se Ihe somos infiéis, Ele permanece fiel!

4 . Oração com a Palavra

1. Sou consciente que todo empenho e profissão requerem fadiga e sofrimento para chegar à meta? Ainda mais: sou convicta que o serviço ao Evangelho requer fortaleza, constância e paciência para dar fruto? Como acolho e vivo esta exigência?
2. Nas cotidianas situações de cansaço e de esforço, onde busco forças para prosseguir no meu ministério pastoral sem desanimar?
3. Também na nossa vida religiosa, conflitos e ansiedades, poderiam esconder o desejo de afirmação de nós mesmas. Como me “exercito” na valorização do sofrimento e do cansaço para ser sempre mais semelhante a Cristo?
4. Deixo-me modelar pela vida assim como ela se apresenta ou me refugio em ideais de vida e de ministério longe da lógica da encarnação?

Escrevo os pensamentos e os sentimentos que a oração da Palavra suscitou em mim para não esquece-los e partilha-los com as Irmãs.

N.B. O que vivi na oração e que tomei nota, posso enviar diretamente à superiora geral para contribuir na preparação do Seminário sobre o nosso ministério de cura pastoral.

Partilha na comunidade

1. Invocar o Espírito Santo
2. Reler juntas o texto da Palavra meditada
3. Partilhar o que cada uma colheu na oração pessoal
4. Permanecer em silêncio para saborear o gosto daquilo que cada uma partilhou.
5. Agradecer pelo dom recebido

Se a comunidade quiser contribuir na reflexão sobre ministério de cura pastoral, uma irmã toma nota dos elementos essenciais da partilha para enviá-los a sede provincial que recolherá e material em vista do Seminário e o enviará ao governo geral

Roma, casa geral
Luglio 2008